

Luta e Resistência das Geografias das Sexualidades no Brasil: Uma entrevista com Miguel Ângelo Ribeiro

Joseli Maria Silva

Grupo de Estudos Territoriais – Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil

Marcio Jose Ornat

Grupo de Estudos Territoriais – Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil

Em outubro de 2014, o II Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidades ocorrido em Porto Velho, Rondônia, homenageou o geógrafo pioneiro dos estudos de sexualidades no Brasil, Miguel Ângelo Ribeiro. A produção científica deste geógrafo vai muito além das sexualidades, abordando temas sobre o espaço urbano, região e redes. Sua atuação no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre os anos 1971 a 1998, possibilitou uma rica e ampla formação geográfica. Neste último ano, após obter o seu doutoramento, ingressou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ como professor visitante no atual Instituto de Geografia – IGEOG. Em 2000, após concurso público, passou a professor efetivo desta instituição e, atualmente, exerce o cargo de professor associado e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PP GEO. Mesmo trabalhando em órgãos institucionais, não limitou seu olhar aos temas hegemônicos, pelo contrário, construiu uma geografia plural sobre cotidianos de sujeitos que não são comuns na abordagem da geografia brasileira.

A produção científica geográfica na área de sexualidades, no Brasil, representa apenas 0,49% de um universo de mais de 13.000 artigos levantados no banco de dados do Grupo de Estudos Territoriais. Além do campo das sexualidades ter pequena representatividade na produção geográfica brasileira, os artigos sobre sexualidades são

publicados em periódicos jovens e de menor prestígio acadêmico, segundo o Sistema Qualis-CAPES. Silva et all. (2013) argumenta que a temática apenas ganhou maior expressão nas primeiras décadas do século XXI.

Contudo, já nos anos 1990, Miguel Ângelo Ribeiro apontava as potencialidades da análise das sexualidades para o enriquecimento da geografia brasileira. Em 1995 ocorreu a publicação do primeiro artigo na área das sexualidades, de autoria de Rogério Botelho de Matos e Miguel Ângelo Ribeiro na Revista Boletim Goiano de Geografia. Posteriormente, em 1997 e 1998, o geógrafo Miguel Ângelo Ribeiro continuou a publicar sobre o tema nas revistas Território e GeoUerj, respectivamente, tornando-se o geógrafo pioneiro nos estudos das sexualidades no Brasil.

Os textos pioneiros escritos por Miguel Ângelo Ribeiro exploram a prostituição no Rio de Janeiro, dando ênfase às relações comerciais geradas pela atividade sexual. Os grupos que exercem a atividade (mulheres, homens e travestis) se apropriam de determinadas áreas da cidade e estabelecem entre si segmentações provocadas por disputas espaciais e relações de poder.

Em 2002, Miguel Ângelo Ribeiro lançou o livro 'Território e Prostituição na metrópole carioca' e em 2011 a obra 'Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira' em conjunto com Rafael da Silva Oliveira.

Pela geografia ousada deste geógrafo pioneiro das sexualidades é que o escolhemos para a entrevista deste volume da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, a fim de registrar a sua trajetória científica que se confunde com os caminhos que ele abriu na Geografia brasileira..

Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat: O artigo pioneiro 'Territórios da Prostituição nos Espaços Públicos da Área Central do Rio de Janeiro' se estabeleceu como um marco nas geografias das sexualidades no Brasil. Como surgiu a ideia para esta composição e como foi a repercussão da publicação deste artigo em um contexto geográfico ainda pouco permeável à temática das sexualidades?

Miguel Ângelo Ribeiro: A pesquisa com prostituição na geografia brasileira surgiu em 1992, após retornar de um evento da Associação de Geógrafos Brasileiros em Presidente Prudente. No início, alguns geógrafos encamparam a ideia, mas por problemas particulares, somente eu e Rogério Botelho de Mattos resolvemos dar continuidade a esta pesquisa pioneira na Geografia, pois tivemos contatos na Antropologia, na História e nas Ciências Sociais com pesquisas que envolviam a referida temática. Portanto, tratava-se de um trabalho particular, independente, inédito aos trabalhos que realizávamos no Departamento de Geografia, atual Coordenação de Geografia do IBGE, e nas mais instituições brasileiras. É bom frisar que estávamos envolvidos com pesquisas vinculadas aos estudos urbanos. Neste momento, o conceito de Território estava sendo introduzido na Geografia Brasileira e, procuramos associar o mesmo com a prostituição nos espaços públicos da área central carioca.

Quanto a repercussão da pesquisa com a referida temática, tivemos as mais diversas

críticas. A maioria satisfatórias, pois quando apresentávamos em eventos era coroada de sucesso. Não podemos esquecer que o artigo foi publicado no periódico *Geographie et Cultures*, na França, a convite do professor Paul Claval.

Alguns pesquisadores foram extremamente receptivos, e não podemos deixar de mencionar e agradecer a Roberto Lobato Corrêa (UFRJ), James Green (UCLA), Eduardo Yazigi (USP), Margareth Rago (UNICAMP), Adyr Balestreli (USP), João Baptista Ferreira de Mello (UERJ) e, posteriormente, a Joseli Silva e ao GETE de Ponta Grossa.

Por outro lado, a pesquisa foi permeada, muitas vezes, por piadas, chacotas, 'que não estávamos fazendo Geografia', como podíamos tratar prostituição na Geografia?

Mas seguimos em frente, construindo nosso arcabouço teórico e realizando os primeiros trabalhos de campo, totalmente desprovidos de certo conhecimento desta realidade. Na verdade, se formos pensar, tratava-se de certo preconceito com os sujeitos a serem investigados. Mas demos continuidade. Vou recuar um pouco no tempo, pois quando realizei meu mestrado, entre 1974 e 1982, na Geografia da UFRJ, tinha pensado em trabalhar com "sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo", em um território que se configurava na área central do Rio de Janeiro, e existente até o final dos anos de 1980, no qual intitulei a pesquisa de 'Putódromos em Ritmo de Aventura'. Fui convidado, de certa forma, a não realizar a mesma, procurando partir para um tema mais condizente com as 'temáticas oficiais' daquele momento. Mencionavam que não era um tema adequado para o mestrado e, conseqüentemente, o mesmo foi abortado e esquecido, sendo somente redescoberto no início dos anos 1990. Para mim, a maior conquista e repercussão da temática em tela foi a matéria televisiva realizada em 1996 ,

por sugestão do jornalista Tim Lopes, da TV Globo, e veiculada no dia 01 de novembro, deste mesmo ano, no jornal RJTV 1ª edição. A partir deste momento a temática começou a se difundir tanto na academia, como na sociedade carioca e nacional.

J.M.S. e M.J.O.: O território é um conceito central em sua produção sobre as geografias das sexualidades. Como você concebeu a vinculação entre sexualidades e território?

M.A.R.: Como mencionei na pergunta anterior, o Conceito de Território foi central para articular com o exemplo empírico que estava debruçado. Esta vinculação entre prostituição e território pode ser entendida no contexto de que o espaço geográfico, extremamente complexo, é vivenciado, apropriado e percebido diferentemente por diversos grupos sociais. São atribuídos a ele diferentes significados, que são variáveis ao longo do dia, da semana ou de outra periodicidade.

Vivência, apropriação e percepção são, juntos ou não, definidores de espaços específicos. A apropriação, formal (materializada) ou simbólica, de uma porção do espaço define um território, a partir de diferentes agentes, quais sejam: o Estado, uma grande empresa ou instituição ou de grupo sociais específicos, como prostitutas e prostitutas, sujeitos envolvidos nas pesquisas desenvolvias por nós. Portanto, muito dos territórios existentes decorrem da prostituição e incorporados, tardiamente, à análise dos geógrafos. São territórios particulares, vivenciados, apropriados e percebidos por grupos específicos, muitas vezes superimpostos a outras territorialidades. Sua existência pode ser permanente ou ocorrer em algumas horas do dia, como foi demonstrado nos trabalhos desenvolvidos por nós. Para discutir a temática em tela, inicialmente

recorremos a autores que não se debruçaram sobre a temática da prostituição e que através de um exercício de transposição nosso, procuramos incorporá-los ao suporte teórico, articulado à análise empírica, em diferentes escalas. Dentre esses autores, poderíamos mencionar Ratzel, em sua obra Antropogeografia, no qual estabelece relação entre o Estado e o espaço. Para ele, o domínio de uma porção do espaço por um determinado grupo, visando a sua sobrevivência, trata-se do território. Quanto aos autores da contemporaneidade, não podemos deixar de mencionar Sack, Soja e Raffestin, além do geógrafo humanístico Tuan.

Para esses autores, o território é demarcado por limites de uma territorialidade, na qual um indivíduo ou grupo estabelece relações de domínio ou controle sobre uma área geográfica; há a tentativa, individual ou de grupo, de 'afetar, influenciar ou controlar' pessoas, fenômenos e relações; ou o controle é exercido através da presença/ausência ou da inclusão/exclusão de determinados grupos, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica.

O território também é identificado a partir da apropriação simbólica, identitária e afetiva do espaço. Neste sentido, o lugar é muitas vezes analisado como sinônimo de território, aparecendo exaustivamente na obra de Tuan, como 'o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico'..

J.M.S. e M.J.O.: Sua produção científica em torno das sexualidades está voltada para grupos marginalizados ou vulneráveis socialmente. Como tem sido sua experiência em colocar estes sujeitos dentro do campo científico da geografia brasileira?

M.A.R.: Vou comungar com o Professor

Carlos Alberto Franco da Silva, a partir do prefácio elaborado por ele para o último livro organizado por mim e por Rafael da Silva Oliveira, intitulado Território, Sexo e Prazer (2011), retirando dele alguns fragmentos, para responder a pergunta formulada por vocês.

Os territórios da prostituição se constituem em formas multifacetadas e imbricadas de relações sociais que se apresentam no interior de diversos territórios- justapostos e superpostos - constitutivos da sociedade em geral. São sempre territórios em tensão com outras territorialidades. Apesar de toda tentativa de adestramento, regulação e normatização do prazer e do desejo sexual, a prostituição se reinventa num movimento que caminha junto com as transformações dos modos de produção sem deixar de ser prostituição. São territórios em perpétuo desarranjo e disjunção, apesar de uma certa ordem interna imposta pelas diversas territorialidades constitutivas da prática sexual. Isso porque os territórios da prostituição apresentam alguns princípios que ultrapassam as ideologias de controle social, que impõem uma moral norteadora e mutiladora de corpos, de modo a adestrá-los a certos códigos de conduta. Um desses princípios é o fato de a sexualidade não ser autônoma das demais instâncias da vida e vice-versa. Mas, há conflitos e relações de poder assimétricas. Os territórios da prostituição são territórios da resistência. Se a resistência já é uma forma de poder, conforme assinala Foucault, estamos diante de micropoderes territoriais da prostituição, que revelam relações de poder sob o signo da estigmatização dos códigos morais da sociedade.

Tal ordem moral hegemônica inventa um sujeito da prostituição, a partir de comportamentos considerados desviantes, anti-naturais, doentios, contrários à vontade de Deus, à família e à segurança da sociedade

como um todo. Logo, o sujeito da prostituição é marcado pelo signo e discurso de indivíduos perigosos à ordem social. A sexualidade implica convenções específicas para cada sociedade que busca subordinar a intimidade e a privacidade do indivíduo à moral da coletividade.

O território da prostituição não é apenas território-corpo, mas também território-vida, ou seja, é a afirmação da diferença diante de um rebanho societário reacionário e contrário à vida na sua multiplicidade. Logo, não se trata de apenas analisar territorialidades de grupos sociais ligados à prostituição, e sim de ativar a diferença e a subjetividade dos desejos sexuais e a força do Deus Dionísio, que tem sido aprisionada em todos nós por conta da falta de coragem de dizer sim à vida, conforme apregoava Nietzsche.

Na cartografia deleuziana, a diferença não está livre em cada um de nós. Ela é uma instância que sinaliza violências, interesses, sensações, desejos e práticas dentro de um campo social representável sujeito a controle dos corpos. Mas, há um problema, a saber: subsumir a diferença à identidade e à representação. Ao se inventar uma identidade dos sujeitos da prostituição pelo registro da representação, domestica-se a própria diferença ao limitá-la a uma consistência interna das territorialidades ligadas à prostituição. Deleuze afirmava que a diferença continua subordinada à identidade e encarcerada na similitude e na analogia. Para ele, a diferença é irreconhecível, pois está no devir: 'uma diferença que vai diferindo', e não possui uma identidade que a defina e não está restrita ao terreno do sensível.

Nesse debate ontológico de Deleuze, verifica-se a importância da Geografia, como ciência que se afirma na diferença, mas sempre buscando revelar identidades, tipologias, classificações, hierarquias e desigualdades. Será que a Geografia é a ciência da diversidade e não da diferença? A

diversidade é, conforme Deleuze, aquilo que se percebe em uma sensação com o que nos deparamos. A diferença seria algo que permite a sensação de se realizar.

A sociedade é de muitos ao narrar a construção de territorialidades que se configuram na confrontação de interesses com outras territorialidades ligadas ao mercado, a cultura local e à moral instituída. Logo, podemos afirmar que é a afirmação não de identidades, mas de territorialidades contraditórias em direção a um mundo de diversidade e diferença.

O território da prostituição é político, econômico, simbólico e cultural. Mas, para além dessas dimensões há o prazer e desejos sexuais que emanam de nossos corpos se contrapondo aos controles dos modos de vida da sociedade capitalista. Afirmer a liberdade e prazer do corpo ganha, todavia, contornos de uma mercadoria, em que desejos corporais do sexo têm sido um dos elos de manutenção da prostituição enquanto uma servidão voluntária ou não dos corpos integrada à economia urbana. Na sociedade capitalista não há separação entre o sexual e o econômico.

Felizmente, a sociedade não é uma totalidade unificada; ela funciona por disjunção de elementos díspares, dentre os quais se encaixam o desejo sexual e as tensões, conflitos e interesses em torno das práticas de prostituição. Daí a importância da Geografia na tentativa de codificar e territorializar os fluxos marcados pelos 'sujeitos' da prostituição. Tal procedimento determina posições de intercessão ou cortes desses fluxos no conjunto da sociedade reacionária.

É a partir da moral do rebanho societário hegemônico que são pensadas as formas de controle e de des-reterritorialização da prostituição por meio de imposição e coerção dos corpos. No entanto, um outro princípio de reprodução da territorialidade da

prostituição e de negação da dialética de sua superação é o fato de o desejo sexual ser forte o suficiente para lançar homens e mulheres em busca de experiências sexuais condenadas pela ordem familiar, estatal e da sociedade em geral. É esse poder do desejo que produz, anima e reproduz o território da prostituição. O desejo sexual aqui é pensado como inconsciente de afetos e prazeres e não como interesse sexual, que está no plano do consciente e do estratégico, conforme assegura Deleuze. Enfim, o desejo sexual determina práticas e interesses econômicos; modela poder e o difunde. Nesse sentido, o poder não é apenas repressivo, mas induz ao prazer, forma de saber, e produz discursos, conforme assegura Michael Foucault, em seu livro 'Microfísica do Poder'.

A prostituição desnatura verdades impostas por uma moral reacionária, e afirma o caráter mercadológico ou não dos prazeres da carne. Não importa se há pagamento da prática sexual. O que vale é a possibilidade real de libertação dos corpos e da multiplicidade de desejos e práticas sexuais. No momento em que tais práticas se impõem e promovem um recorte territorial, tem-se a institucionalização de práticas corporais e de um campo de força que age no sentido de legitimar-se diante da 'ordem natural' da sociedade.

O debate acerca da geografia da prostituição, ao mesmo tempo, abre uma janela para novos recortes interpretativos da realidade no seu devir e confrontação de interesses e desejos de indivíduos e entrecruzamento de tempos em que se confluem memórias, gestos, falas, poderes, ideias, saberes, discursos, códigos morais e a sensação da diferença: o desejo e prazer inconsciente e consciente, do sexo marginal e funcional à ordem social instituída.

J.M.S. e M.J.O.: O turismo e a busca de prazer é um dos elementos que fazem parte de sua produção científica. De que forma, o prazer se associa ao turismo e conforma espacialidades?

M.A.R.:No contexto de minha produção científica envolvendo a prostituição, procurei, em determinado momento, tentar associar esta atividade com o turismo. Esta pesquisa teve sua gênese vinculada ao 1º Encontro Nacional de Turismo com Base Local (ENTEBL), realizado em 1997, na USP – Universidade de São Paulo, organizado pela professora Adyr Balastrieri Rodrigues, a qual tenho profunda estima, pois ao receber o trabalho para avaliação, ficou extremamente curiosa e achou de extrema coragem a abordagem realizada por mim. Foi a única pesquisa que realizei associando prostituição e turismo, e para dar conta desta temática, contemplei um logradouro importante do bairro de Copacabana, localizada na Zona Sul Carioca, a Avenida Atlântica, na qual, durante a noite, o espaço público é apropriado por prostitutas e travestis, configurando territórios e territorialidades distintas ao longo da referida avenida.

O trabalho teve por metodologia a pesquisa de campo, fundamentada na observação e realizada em diferentes dias da semana, percorrendo, a pé, em momentos diversos do dia, mas dando ênfase à noite (maior ocorrência da prostituição) à referida avenida e logradouros adjacentes à mesma, por diversas vezes. A ambiência deste logradouro permite a prática da referida atividade, pois existe grande concentração de hotéis de luxo, de porte internacional e estabelecimentos comerciais e de serviços, com predomínio dos restaurantes e bares que atendem à demanda de turistas e moradores do bairro, além de servir de função residencial, com concentração bastante

expressiva de população de alto status social.

A Avenida Atlântica foi apontada por Livia Maria Guelli et alii. (1996) constituída por uma fauna local basicamente de banhistas, turistas, babás e a terceira idade, que disputam o extenso calçadão com mendigos, pivetes, prostitutas e ambulantes, servindo assim de palco para tantos contrastes sociais.

Como podemos observar, este logradouro, juntamente com outros, configuram as mais distintas territorialidades, dentre elas a da prostituição. No imaginário de um turista alemão, ele afirmou em sua entrevista que, Copacabana resume-se num grande “mercado de carne”. Para cada seguimento da prostituição, códigos e normas são estabelecidos para configurar os distintos territórios, muitas vezes tendo por clientela o turista nacional ou internacional.

E de que forma o prazer se associa ao turismo e conforma espacialidades? Eu diria que o prazer se associa ao turismo a partir da prostituição que configura territorialidades se manifestando espacialmente, conforme já explicitado. E para dar conta desta indagação, mais uma vez, vou recorrer as ideias do professor Carlos Alberto Franco da Silva, o qual afirma que: o território da prostituição é político, econômico, simbólico e cultural. Mas, para além dessas dimensões há o prazer e desejos sexuais que emanam de nossos corpos se contrapondo aos controles dos modos de vida da sociedade capitalista. Afirmar a liberdade e prazer do corpo ganha, todavia, contornos de uma mercadoria, em que desejos corporais do sexo têm sido um dos elos de manutenção da prostituição enquanto uma servidão voluntária ou não dos corpos integrada à economia urbana. Na sociedade capitalista não há separação entre o sexual e o econômico, e neste contexto o turista é um agente importante para estabelecer esta associação..

J.M.S. e M.J.O.: Como pioneiro, qual é a sua experiência como geógrafo ao focar esta temática no ambiente acadêmico?

M.A.R.: Acredito que minha experiência com geógrafo tratando da temática da prostituição veio trazer importante contribuição entre a empiria e a base teórica a qual me fundamentei e que, atualmente, foi ampliada com novos autores sendo incorporados, a partir de novas categorias analíticas, às minhas novas pesquisas, procurando tratar da espacialidade e das relações homocomerciais.

Pressuponho que uma ciência para tratar de um objeto a ser investigado necessita, para sua continuidade, seguir a evolução da ciência a partir de uma renovação e de novas perspectivas, fazendo com que novos olhares e interpretações sejam possíveis, fazendo com que a Geografia estabeleça diálogos com outras ciências afins, mas não esquecendo que a dimensão espacial é a base da contribuição geográfica para a compreensão da ação humana sobre a superfície terrestre..

J.M.S. e M.J.O.: Com base em sua experiência na conformação do campo científico da geografia brasileira, qual é o espaço da geografia das sexualidades atualmente e como imagina seu futuro?

M.A.R.: Apesar desta trajetória não ter sido realizada de forma fácil, em decorrência das críticas preconceituosas vinculadas à temática em tela, tanto no âmbito da academia como da sociedade brasileira, conquistas foram realizadas com sucesso, apesar de ainda passarmos por constrangimentos. Acredito que a geografia das sexualidades, após vinte anos aproximados de estudos, no Brasil, se configura como um campo científico nos estudos geográficos, pois em diferentes

eventos, nota-se a presença em mesas redondas e grupos de trabalho, além de novos pesquisadores que estão se incorporando a este campo científico, trazendo novas contribuições, além das articulações de nossos pesquisadores com diferentes grupos internacionais.

Como exemplo da importância da Geografia das Sexualidades, podemos mencionar o último evento realizado em Rondônia, em Outubro de 2014, o II Seminário Latino Americano de Geografia, Gênero e Sexualidades, organizado pelas pesquisadoras Maria das Graças Silva Nascimento Silva e Joseli Maria Silva, no qual as interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial foram tratadas, a partir de diferentes fenômenos. Tal fato pode ser constatado no livro publicado pelas autoras, como também nos anais do respectivo evento.

Não posso deixar de mencionar também, nesta trajetória de conformação da Geografia das Sexualidades, no campo científico da Geografia brasileira, da criação do GETE, da Universidade de Ponta Grossa, coordenado pela professora Joseli Maria Silva, em 2003. Grupo este que trouxe inovações aos estudos no âmbito da referida temática, incorporando na sua trajetória novos parceiros, como a professora Maria das Graças Silva Nascimento Silva, da UNIR, o professor Benhur Pinós da Costa, da Universidade de Santa Maria, o professor Augusto Cesar Pinheiro da Silva, da PUC-Rio, entre muitos outros.

Na verdade, podemos afirmar que os estudos alicerçados na Geografia das Sexualidades, como apontam Silva, Ornat e Chimin Junior (2013), não deixam de representar Geografias Malditas. Neste contexto, essas temáticas envolvendo corpos, sexualidades, prostituição e relações homoafetivas continuam sendo, no Brasil, “significativamente pouco estudadas e

marginais no âmbito das Geografias de Gênero e Sexualidades”, vistas sob um viés moralista e preconceituoso por parte da comunidade geográfica e também pela sociedade. No entanto, não podemos menosprezá-las, pois elas, como aponta Gomes (2013), 'representam, na verdade, espelhos da sociedade em que vivemos, queiram ou não!'

J.M.S. e M.J.O.: Do ponto de vista metodológico e epistemológico, quais são as contribuições que a abordagem das sexualidades pode trazer à geografia brasileira?

M.A.R.: Podemos afirmar que a abordagem das sexualidades tem trazido contribuições bastante pertinentes do ponto de vista metodológico e epistemológico, nesses vinte anos que se passaram. O próprio livro publicado pelas professoras Maria das Graças e Joseli Maria podem ratificar esta afirmação. São diferentes metodologias e campos epistemológicos que vão agregando conhecimento nessa trajetória. Tratam-se não só de contribuições de pesquisadores nacionais, mas também de autores estrangeiros, não esquecendo que, muitas vezes, não podemos transpor para nossas pesquisas metodologias e epistemologias procedentes de fora, e aceitando como meros copistas, fundamentações que muitas vezes não se aplicam teoricamente a nossa realidade, não esquecendo, como apontou Dalai Lama (2012): 'Se uma coisa é simples e próxima, ela é relevante'.

Referências

COSTA, Benhur Pinós da. **Espaço urbano, cotidiano, cultura e espaços de proximidade:** o caso das microterritorializações de sujeitos orientados para o mesmo sexo. 2010 (mimeo).

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO, Revista Serafina. São Paulo, Jul. 2012, p. 22.

GHELLI, Livia Maria et alii (1996). Avenida Atlântica. **Comunicação e Cultura.** UERJ. (mimeo).

KAUFMANN, Vincent. **Re-thinking mobility:** contemporary sociology. Hampshire: Ashgate Publishing, 2002.

MAIA, Gessé da Silva. **Os territórios fechados da prostituição masculina na cidade do Rio de Janeiro:** o exemplo das saunas. 2007. Monografia de Pós-Graduação (lato sensu) em Políticas Territoriais no estado do Rio de Janeiro pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Uerj.

MATTOS, Rogério Botelho. A dinâmica dos espaços da prostituição na cidade do Rio de Janeiro: 1840-1940. In: RIBEIRO, Miguel Angelo (org.). **Território e prostituição na metrópole carioca.** São João de Meriti/RJ: Ecomuseu Fluminense, 2002, p. 57-87.

MATTOS, Rogério Botelho; RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. **Boletim Goiano,** v. 15, n. 1: 57-79, 1995.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Do espaço fechado ao espaço coletivo: o balé do lugar em meio à territorialidade da prostituição dos travestis na área central de Nova Iguaçu, RJ. In: RIBEIRO, Miguel Angelo. **Território e prostituição na metrópole carioca.** 1ª ed. São João de Meriti/RJ: Ecomuseu

Fluminense, 2002, p. 141-159.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas:** itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname. (2014) Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, USP, São Paulo.

ORNAT, Márcio José. Sobre espaço, gênero e sexualidade. **Terr@ Plural**, n. 2, p. 309-322, 2008.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Prostituição de Rua e Turismo em Copacabana- A Avenida Atlântica e a Procura do Prazer. **Território**, v. 2, n. 3, p. 87 – 100, 1997.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Prostituição de Rua e Turismo: A Procura do Prazer na Cidade do Rio de Janeiro. **GeoUERJ**, v. 3, p. 53 – 66, 1998.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. **Território e Prostituição na Metrópole Carioca.** São João de Meriti, RJ: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Território, Sexo e Prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva; MAIA, Gessé da Silva. Dinâmica e espacialidade das saunas de boys na cidade do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (orgs.). **Território, sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na

geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 89-101.

SACK, Robert. **Human territoriality – it's theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, Ane; SEAMON, David (eds). **The Humam Experience of Space and Place.** New York: St. Martin's Press, 1980, p. 148-165.

SILVA, José Carlos. Monik Cretton. Uma mulher à frente do seu tempo. **Revista S!**, n. 139, p. 3, mar. 2014.

SILVA, Joseli Maria et al. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (orgs.). **Geografias malditas:** corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013, p. 85-142.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT; Márcio José. Sobre sexualidade e espaço: prostituição e território travesti'. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael (orgs). **Território, sexo e prazer:** olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011, p. 167-184.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia:** conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa**

**Luta e Resistência das Geografias das Sexualidades no
Brasil: Uma entrevista com Miguel Ângelo Ribeiro**

socioespacial. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand
Brasil, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel,
1980.